

“Termais, medicinais, minerais, milagrosas”: a investigação das propriedades das águas caldenses no Portugal do século XVIII

“Thermal, medicinal, mineral, miraculous”: investigating the properties of Caldas da Rainha waters in 18th-century Portugal

Ana Carolina de Carvalho Viotti | Universidade Estadual Paulista (Unesp)

carolina.viotti@unesp.br

<https://orcid.org/0000-0002-3244-3514>

RESUMO Ocupando o duplo papel de veículo disseminador de males e de virtuoso ingrediente para a cura de doenças, as águas foram amplamente tematizadas pela bibliografia médica, cirúrgica e farmacêutica através do tempo. Em tratados, observações e avisos, as referências sobre os benefícios das águas ou os cuidados a se ter em sua identificação e uso se fizeram recorrentes. No Portugal do século XVIII, o escrutínio das propriedades de um “tipo” específico de água – aquele definido como termal, medicinal ou mineral – passa a ser feito, também, a partir das lentes da emergente ciência química, de modo que interpretações “mágicas” sobre sua composição são cada vez mais postas em xeque. Nessa esteira, um espaço específico do reino luso, nomeado justamente a partir de suas fontes e do benefício régio, as Caldas da Rainha, recebe especial atenção de uma série de letrados, dando corpo a uma significativa literatura sobre o tópico. Aqui, de modo a tornar esse rico conjunto sistematizado, apresento, além de um breve mapeamento e discussão dos principais contornos da temática, a edição anotada e ortograficamente atualizada de capítulos selecionados de um livreto, anônimo e pouco conhecido, que apesar de ter sido escrito por um empírico – ou, como se intitula, “um curioso” –, dialoga e confronta doutores, boticários e enfermeiros da época, o *Observações das agoas das Caldas da Rainha*, de 1752.

Palavras-chave: águas termais – medicina – farmácia – século XVIII.

ABSTRACT Assuming the dual role of both a disseminator of ailments and a virtuous ingredient for curing diseases, waters have been extensively discussed in medical, surgical, and pharmaceutical literature throughout time. Treatises, observations, and warnings abound with references to the benefits of waters or precautions to be taken in their identification and use. In the 18th century Portugal, the analysis of the properties of a specific “type” of water – defined as thermal, medicinal, or mineral – also comes under

*examination through the lens of emerging chemical science, questioning the "magical" interpretations of their composition. In this context, a specific area in that reign, named precisely after its springs and royal patronage, Caldas da Rainha, receives special attention from a series of scholars, giving rise to significant literature on the topic. Here, in order to systematize this rich body of work, it is presented, in addition to a brief mapping and discussion of the main contours of the theme, the annotated and orthographically updated edition of selected chapters from an anonymous and little-known booklet, written by an empiricist – or, as he titles himself, "a curious individual" – which engages and challenges doctors, apothecaries, and nurses of the time, the *Observações das agoas das Caldas da Rainha*, from 1752.*

Keywords: *thermal waters – medicine – pharmacy – 18th century.*

A existência de águas termais e a identificação de fontes aquíferas com propriedades curativas são milenares: minas e piscinas quentes, de odores incomuns, com águas límpidas e calmas ou turvas e repletas de lodos de diferentes tons foram encontradas, demarcadas, utilizadas e exaltadas ao longo do tempo (Melillo, 1995; Grossi, 1997; Li Castri, 2009). O chamado "termalismo", que deita raízes entre os gregos (Cilliers e Retief, 2006), é aderido por romanos e com eles ganha novos contornos e espaços, públicos e privados, de cura e sociabilidade – os centros termais de "*Sanus per Aquam*", ou SPAs (Masetti, 2011). Algumas cidades europeias receberam notoriedade – e mesmo seus nomes – por seus *banhos*, cidades que, em uma brevíssima e generalista síntese, experienciam certo esvaziamento e declínio no âmbito dos encontros sociais ao longo do medievo (Gianfaldoni et al., 2017; Large, 2019), com uso limitado e voltado à terapêutica, sobretudo para as doenças de pele. Tornavam-se, pois, um espaço frequentado pelos indesejados leprosos ou outros doentes, em sua maioria pobres, ou ainda de peregrinação para a salvação (Bassani, 2023). Depois de certo hiato e dessa "crise" das estâncias termais europeias, verificar-se-á não só uma espécie de revalorização desses lugares de potentes curas, mas o escrutínio e entendimento das propriedades que faziam (ou não) daquelas águas um líquido especial, com o ferramental investigativo renascentista (Palmer, 1990), num primeiro momento, e depois com os experimentos e vocabulário vindos da química.

Aqui, interessados nos registros produzidos mais adiante no tempo, no século XVIII – quando os já tardios textos de cunho médico sobre as propriedades terapêuticas das águas minerais portuguesas conhecem a prensa –, trataremos de um espaço que fora não só nomeado pelas virtudes termais de suas águas, mas mesmo *criado* em torno delas, e a partir do qual uma literatura científica se desenvolveu, as Caldas da Rainha, e de um interessante e pouco conhecido documento redigido sobre ela, o anônimo *Observações das agoas das Caldas da Rainha oferecidas a todos os enfermos pobres, que necessitam deste milagroso remedio, para cura de seus achaques, por hum curioso, que ha vinte anos, que vive a beneficio das ditas agoas*, cuja única edição conhecida data de 1752.

Águas que fizeram um lugar

Nos finais do século XV, em terras lusas, águas de características peculiares, que seriam descritas como salutíferas e sulfurosas, são "descobertas" pela realeza e mudam não o curso

do leito de onde tais águas advinham, mas da história daquelas paragens, *fazendo* um lugar. Conta a narrativa mais conhecida e difundida que, em 1484, a rainha d. Leonor de Avis (1458-1525), em viagem partindo de Óbidos à Batalha para encontrar-se com seu marido, o rei d. João II (1455-1495), num caminho até então despovoado – ou, ao menos, desprovido de um sítio estabelecido de ocupação estável naquele momento –, deparou-se com pessoas se banhando em águas de forte odor e os interpelou sobre o motivo para submeterem-se àquilo, na medida que o uso de poucos banhos – e individuais (Vigarello, 1988) – era o mais corrente. A resposta que recebera dava conta da má condição de saúde daqueles transeuntes, achacados sobretudo pela lepra e pelas *frialdades*, que se deslocavam até aquele ponto para recorrer às águas termais, justamente pelas citadas propriedades curativas que carregavam. Essa indicação teria feito a própria monarca experimentar as fontes, pois que ela também apresentava uma doença (cuja descrição ou melhor definição não é consensual, oscilando entre problemas de pele a ulcerações e feridas), de tal sorte que a “Princesa Perfeitíssima” curara-se por completo.

Essa lenda sobre o momento em que “pobres andrajosos, cobertos de chagas ou de sarnas [...] que se banhavam nas poças de água fumegante e malcheirosas” (Carvalho, 2012, p. 10-11) foram interpelados pela rainha e o consequente uso e reconhecimento da monarca dos benefícios daquelas águas carece de respaldo documental. No entanto, fato é que nas últimas décadas daquela centúria, a região das Caldas de Óbidos começa a ser estruturada como um novo povoado, regulamentado, organizado e controlado por determinações e privilégios régios (Gomes, 1994, p. 24), com estruturas administrativas próprias e, como se verá, forte inclinação assistencial. E nesse último ponto D. Leonor teria tido papel fundamental, já que a iniciativa da criação de um hospital a partir das termas, naquele senhorio que passou a pertencer à rainha por compromisso nupcial, partiu dela. Por isso, não é demais afirmar que a vila das Caldas nasce, por suas águas termais, com o hospital.

O hospital das Caldas

A fundação da instituição remonta ao início das obras, em 1485, quando condições mais estruturadas para a permanência dos doentes que se dirigiam aos banhos foram estabelecidas naquele que se identifica como “primeiro hospital termal do mundo”. À construção do espaço termal, que também ajudava nos intentos de centralização administrativa da Coroa (Mattoso, 1993) frente aos monges de Alcobaça, por exemplo, sucedeu-se a construção de uma capela, dedicada à Nossa Senhora do Pópulo, como a súplica de d. Leonor ao papa Alexandre VI, datada de 3 de setembro de 1496, reitera:

No território de Óbidos, no lugar chamado das Caldas, diocese de Lisboa, existiam certos banhos destruídos e quase totalmente incapazes, os quais os homens não podiam frequentar nem a eles acorriam para recuperarem a saúde por falta de casas, pelo que, a fim de os fiéis cristãos ali poderem estanciar e encontrar cura, a dita rainha, movida pelo amor de Deus, fez ali edificar banhos às suas próprias custas, reparando câmaras e casas para as pessoas enfermas ali confluentes e, ainda, uma capela na qual celebrassem missas e ofícios divinos (Gomes, 1991, p. 23).

A capela, depois igreja, seria finalizada em 1500, e nesse ínterim, outros documentos e bulas pontífices seriam emitidos, a exemplo da concessão de indulgência plenária sobre os enfermos que falecessem no hospital, deixando-lhe bens ou esmolas (Gomes, 1991, p.103-105). Pouco tempo depois, em 18 de março 1512, estabelece-se o Compromisso (ou Regulamento) do Hospital, assinado por aquela que daria nome à localidade, a rainha d. Leonor, marcando nova etapa na vida daquela instituição que nascia com o pioneirismo de ser erigida em torno das virtudes das águas balneares e carregaria o nome da invocação mariana que o abençoava: Hospital de Nossa Senhora do Pópulo. Vinte anos depois, a partir de uma provisão de 29 de julho de 1532, a administração do hospital é atribuída aos membros seculares da ordem de São João Evangelista. A instituição, agora sujeita ao Tribunal da Mesa de Consciência e Ordens, funciona sob proteção régia imediata e seguirá considerada como espaço de grande utilidade pública, ocupando, com seus mais de cem leitos e 25 funcionários, lugar de destaque no equipamento assistencial português, ao lado do Hospital de Todos os Santos e da Misericórdia de Lisboa (Dias, 2007, p. 1).

Malgrado a importância de inventariar toda a série de dispositivos administrativos que tornaram possível o funcionamento dessa instituição, não objetivamos, aqui, desdobrar a extensa série de provisões, regras, alvarás, portarias, decretos e cartas que versam sobre as Caldas da Rainha e seu patrimônio hospitalar termal – funcionamento até os dias de hoje, vale lembrar, com o nome de Termas das Caldas da Rainha. Tampouco pretendemos caracterizar de maneira pormenorizada ou detalhada a estrutura arquitetônica da assistência disponível nesse hospital, trabalho, é verdade, já realizado por pesquisadores mais peritos na área (Carvalho, 1932; Correia, 1944; Duarte, 2008; Gomes, 1994; Mangorrinha, 2000; Rodrigues, 2007; Sousa, 2005). Ainda assim, uma noção do espaço curativo e a disposição das termas, nesse que é um dos mais representativos exemplos da hidroterapia portuguesa, é importante para compreendermos as prescrições e tratamentos que serão propostos no Setecentos, e que são, ao fim, os alvos de nosso interesse nesse breve estudo.



Figura 1: “Frontaria do hospital das Caldas como se achava em 28 de março de 1747”.

Fonte: Acervo do Museu do Hospital e das Caldas (fotografado pelo autor).

A Figura 1, intitulada “Frontaria do hospital das Caldas como se achava em 28 de março de 1747”, apesar de distar cerca de 250 anos da construção original, nos auxilia a dimensionar os contornos do lugar em que os doentes poderiam encontrar atendimento, sendo registro visual mais aproximado que teríamos da estrutura nos tempos de sua fundação. Isso porque ela foi produzida antes de uma série de reformas na estrutura física – e nos estatutos – do hospital serem levados a cabo por ordem de d. João V (1689-1750). Aí, vemos o que se chamava de “praça velha”, com três faces prediais de um terreiro, em que sobressai a torre da Igreja de Nossa Senhora do Pópulo e são identificados os seguintes edifícios, assim numerados: 1) Entrada principal “Casa da copa”; 2) *Loggia*; 3) Igreja N.S. do Pópulo; 4) Enfermaria dos honrados; 5) Casas do escrivão, físico e boticário; 6) Rouparia; 7) Hospital dos peregrinos; 8) Tanque de água.

Ao contrário de outros hospitais que se inspiraram no modelo italiano e foram erigidos em épocas semelhantes, que observavam o formato de cruz ou em “T” (Henderson, 2006, p. 151-157), essa construção, ampliada com o tempo, seguiu uma sequência menos ordenada. Também de maneira diversa de outros conjuntos assistenciais, cuja localização observava a máxima de ser sempre em lugares a edifícios altos para garantir a circulação (e a então considerada pureza) do ar, ali, a virtude era ser erigido rés do chão, como explicava um dos primeiros textos a tratar do edifício do Hospital, ainda no século XVII. Lê-se ali que o prédio “se havia de edificar em lugar e sítio onde rebentam os olhos das ditas águas cálidas de natureza sulfúreas, nitrosas e azougadas proporcionadas à medicina em terra baixa para melhor se reconcentrar o calor”, porque, continua, “sua atividade e virtude recebida dos minerais por onde passam ser mais eficaz” (São Paulo, 1967, p. 191-192).

Entretanto, a composição desse verdadeiro complexo hospitalar, para atender o recorrente público de maneira ordenada e alinhada a seu *Compromisso*, observava classificações de gênero, estatuto social e funcionalidade: eram distinguidos “os espaços de cura propriamente dita (enfermarias e, no caso particular do Hospital das Caldas, os tanques para os banhos), os de culto (a igreja e as enfermarias, estas últimas ao mesmo tempo espaços religiosos e cívicos), os administrativos (casa dos contos)”, assim como aqueles “ligados a funções domésticas, como a cozinha, a casa da copa, o refeitório, a despensa, o celeiro, a casa da amassadeira etc.” (Rodrigues, 2013, p. 149). Isso quer dizer que, apesar das particularidades assinaladas acima, o rigor com a separação das alas, cuidadores e atividades de homens e mulheres, por exemplo, refletia-se na organização do espaço – e dos tratamentos –, reproduzindo princípios hierárquicos e formas de compreensão dos corpos e das doenças.

É interessante notar que a disposição adotada para apartar os sexos, com mulheres alocadas na ala norte e homens na ala sul, aludia ao mesmo tempo metáforas com o corpo de Cristo – com Maria ao lado esquerdo da cruz e São João Evangelista ocupando o lado oposto (Schleif, 2005, p. 207-250) – e a conformação dos corpos a partir da teoria humoral. Em pouquíssimas palavras, tal teoria, cujos reconhecidos expoentes são Hipócrates (460-377 a.C.) e, depois, Galeno (c. 129/130-200 d.C.), vigente em Portugal ainda no Setecentos (Pita, 1996; Dias, 2007), postulava que o corpo humano é composto por quatro humores principais – sangue, fleuma, bile amarela e bile negra – que, quando equilibrados, resultam em saúde; se desequilibrados, nas doenças (Jouanna, 1999). Além de extrair os humores excedentes e acrescer os faltantes, para alcançar a saúde, era preciso aos médicos considerar o *regime* de vida, a *dieta* em um sentido amplo, em que se contemplava o descanso; o exercício, as chamadas “paixões da alma”, a evacuação ou retenção e as relações com o ar, temperatura e águas (Nutton, 1997, p. 281-290).

Voltemo-nos, então, a elas: as águas como veículo possível de doença ou de cura. Tratando-se de um hospital termal, é evidente que tal substância era mobilizada como elemento terapêutico, e seu uso era respaldado pela forma corrente de compreender o funcionamento dos corpos, o supracitado equilíbrio humoral. No entanto, as *explicações* sobre as propriedades que faziam daquelas fontes, em especial, não só salubres como medicamentosas, não haviam sido sistematizadas. Não até o limiar do século XVIII.

Investigações científicas sobre as propriedades das águas

O Setecentos foi palco para o desenvolvimento de um tipo específico de documentação sobre os tratamentos e curas empreendidos em Caldas da Rainha, melhor, foi a centúria em que, para além de documentos administrativos e jurídicos; fiduciários, de patrimônio ou privilégios; de economato do hospital, incluindo receitas e despesas; de regulamentação e organização; de alterações estruturais, obras e manutenção predial; de registros de internações e óbitos; e de funcionamento da botica, para ficarmos em alguns dos principais grupos de informações, um conjunto interessante de textos passou a oferecer explicações sobre o potencial curativo das águas termais em Portugal, no geral (Dias, 2017), e daquelas fontes em particular.

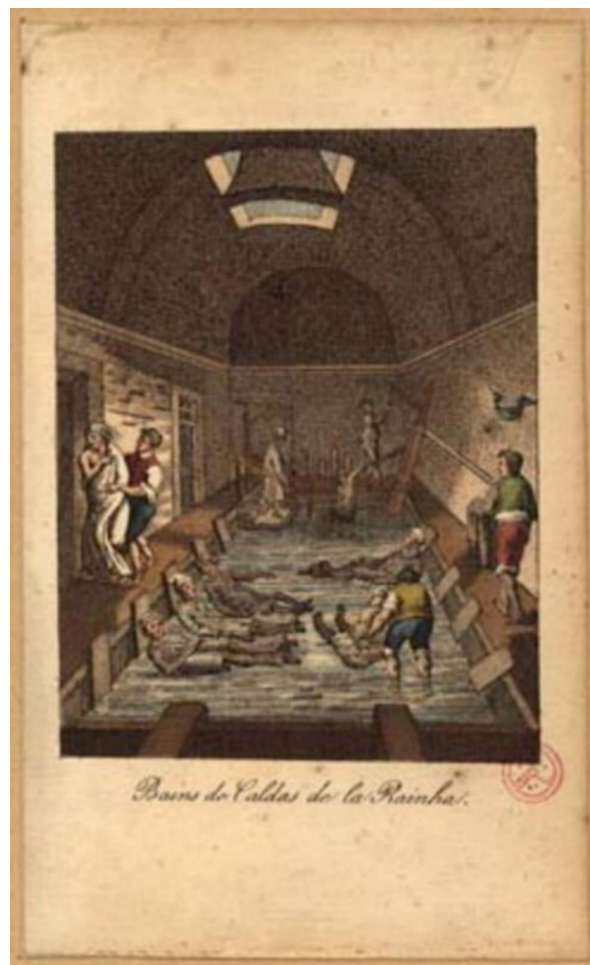


Figura 2: Bains de Caldas de la Rainha: s.n. - 1 gravura : água-forte, aguarelada; 9x6,8 cm (esquadria da imagem, sem letra) s/d – Obra em domínio público. Disponível em: <http://purl.pt/1048>, Biblioteca Nacional Digital (BNPD).

Ainda em 1642, é verdade, encontramos um capítulo sobre a eficácia e métodos de aplicação de águas quentes e termais no *Método de conhecer e curar o morbo gálico* (Arraiz, 1683), escrito pelo médico de d. João IV (1604-1656), doutor Duarte Madeira Arraiz (?-1652). Na ocorrência daquilo que enquadraríamos posteriormente como sífilis, o médico recomendava os banhos em conjunto com duas plantas americanas, a salsaparrilha e o guaiaco – ali chamado de “guaiação ou pau das Antilhas” –, mas, digamos, de forma colateral e “tímida”, sem um destaque entre os demais tratamentos que propunha (Arrais, 1683). Depois, em 1696, é publicado aquele identificado como o primeiro livro em língua portuguesa dedicado aos *spas* ou termas daquele reino, a *Cronografia medicinal das Caldas de Alafões*, cujo autor, António Pires da Silva (1696), teria atuado como médico nas cercanias de Lafões. Nele, além da abordagem galênica das águas do lugar em que trabalhou, há observações sobre as características sulfurosas das Caldas da Rainha e de outras termas, em Monchique, novamente sem serem os banhos resguardados pelo Hospital de Nossa Senhora do Pópulo o objeto central. Um comentário breve sobre as propriedades químicas das águas termais pode ser encontrado na *Polianteia medicinal* (1697), do conhecido doutor João Curvo Semedo (1635-1719).

Poucas décadas depois, Francisco da Fonseca Henriques (1665-1731), chamado pelo epíteto de “Doutor [de] Mirandela”, outro médico régio, servindo já ao monarca d. João V, começa efetivamente a mapear as potencialidades aquíferas portuguesas. O capítulo que abre seu *Aquilégio medicinal* de 1726, é intitulado “Das Caldas”, e reserva suas 12 primeiras páginas para tratar das águas medicinais das Caldas da Rainha. Além de localizar o espaço nas cercanias de Óbidos e dar conta da estrutura hospitalar ali encontrada, Henriques enumera e discute as virtudes das termas para uma lista de doenças, com destaque para as que acometiam “curar os achaques frios dos nervos, das juntas, do estômago, da cabeça, do útero e da bexiga, da urina” (Henriques, 1726, p. 6), e refuta a falta de assistência aos “hidrópicos” não admitidos usualmente para os banhos com uma lista de benefícios (e beneficiários, identificados nominalmente) que mereciam emenda. Por sua abrangência e inventariação, com a organização quase como um guia hidrológico do território, a obra se tornaria rapidamente uma referência compartilhada – inclusive para as críticas, como veremos.

Será a partir da obra de um doutor português de nascimento, mas radicado alhures, na Inglaterra – tido como “estrangeirado” (Pinto, 2015) –, que conheceremos um estudo químico aprofundado das águas termais lusitanas. Jacob de Castro Sarmiento (1691-1762), influenciado diretamente pelo médico e botânico Herman Boerhaave (1668-1738) e por discussões newtonianas, foi responsável pela incorporação de uma série de novas leituras – ou, ao menos, de temas que ainda não circulavam com amplitude naquela porção oeste da Península Ibérica –, como a consideração das propriedades minerais para o fabrico de úteis remédios. Nessa esteira, sua *Matéria médica* (Sarmiento, 1735) destinava o sétimo capítulo não apenas para a descrição das águas minerais – o que fez Fonseca Henriques na leitura (e crítica) de Sarmiento –, mas também para detalhar as propriedades terapêuticas dos líquidos, a princípio, sem analisá-los materialmente. De acordo com o médico, as águas das Caldas, que indicava serem sulfurosas, poderiam ser administradas tanto em banhos quanto ingeridas.

As termas da Rainha tinham, em sua perspectiva, qualidades superiores às demais águas europeias, e seu uso e recurso só não seria tão alargado quanto possível por certa obtusidade dos médicos que atendiam no Hospital termal. O particular interesse de Sarmiento naquelas águas resultou em um estudo mais aprofundado, a pedido do conde da Ericeira, ministro de d. João V, com o envio de amostras em garrafas bem lacradas para Londres, em 1743. Suas

conclusões foram publicadas, depois, em um *Apêndice ao que se acha escrito na Matéria Médica do Dr. Jacob de Castro Sarmiento sobre a Natureza, Contentos, Efeitos, e Uso prático, em forma de bebida, e banhos das Águas das Caldas da Rainha* (Sarmiento, 1753).

É pertinente destacar que, até aqui, as análises prescindiam das inflexões da chamada Química pneumática e de diálogos diretos e profundos com essa matéria, ainda que a medicina portuguesa estivesse passando por transformações. Assim como outros espaços que facearam a Inquisição, Portugal recebeu e incorporou tardia e limitadamente as teorias e práticas consideradas como novidade ainda no século XVI, como a obra de Paracelso (1493-1541), o que não quer dizer que desconheceu completamente tais discussões (Baudry, 2023, p. 24). O estudo da medicina, da farmácia e da cirurgia no Portugal setecentista revela que, apesar de a tradição galênica permanecer predominante, sobretudo até a reforma do ensino médico – cuja alteração dos *Estatutos da Universidade de Coimbra*, durante o reinado de d. José I (1714-1777), em 1772, é seu marco máximo –, a expressão de outros sistemas de pensamento, como a iatroquímica ou a iatromecânica (Pita, 1998, p.144) fazem-se sentir (ou, ao contrário, que, apesar dos avanços da química, havia persistência na aplicação de tratamentos e formas de ler o corpo e as doenças assentadas no galenismo). Isso nos recorda que o próprio desenvolvimento da ciência na modernidade está longe de ser um processo cumulativo e linear (Filgueiras, 1999), e que diferentes tradições conflitam, imbricam-se, sobrepõe-se e, ao fim e ao cabo, coexistem.

Após, então, o deslocamento do monarca, d. João V, às Caldas para tratamento e o início das mencionadas reformas na estrutura do Hospital (1747), dirigidas por Manuel da Maia, ainda no século XVIII e em um período de menos de 20 anos, outros cinco textos que almejavam escrutinar a composição química das águas termais daquelas plagas foram escritos e publicados. O interesse pelas Caldas poderia ser sentido, pois, tanto na ampliação de seu espaço e leitos – 143 camas e 44 camarotes ao final das obras, em 1750 – quanto nos estudos que procuravam conhecer para melhor usar tais águas. São elas: a *Análise das Águas Termais das Caldas da Rainha* (1778), de José Martins da Cunha Pessoa; o *Tratado Físico-químico das Águas das Caldas da Rainha* (1779), de José Nunes Gago; as *Memórias dos anos 1775 a 1780, para servirem de História à análise e virtudes das Águas termais das Caldas da Rainha* (1781), de Joaquim Inácio de Seixas Brandão; as *Advertências sobre os abusos e legítimo uso das Águas Minerais das Caldas da Rainha, para servir de regulamento aos enfermos que delas tem precisão real*, de Francisco Tavares – que foi professor da Universidade de Coimbra, presidente do Protomedicato, físico-mor do Reino e seria autor, também, da primeira farmacopeia oficial portuguesa, a *Farmacopeia geral para o reino e domínios de Portugal* (1794) – e, por fim, a *Análise química da Água das Caldas da Rainha*, pelo químico inglês William Withering, em uma versão bilíngue (1795) chancelada pela Academia das Ciências de Lisboa. Apesar da riqueza de detalhe e informações que esses textos anunciadamente *científicos* apresentam, foi uma exceção no conjunto publicada na mesma segunda metade do século das Luzes, mas nas prensas de Paris, de autoria anônima e pelas declaradas lentes de um não médico, que chamou nossa atenção, e que julgamos interessante aqui reproduzir.

Um documento sobre o “milagroso remédio”

Observações das agoas das Caldas da Rainha oferecidas a todos os enfermos pobres, que necessitam deste milagroso remedio, para cura de seus achaques. Por hum curiozo, que ha vinte

“Termais, medicinais, minerais, milagrosas”: a investigação das propriedades das águas caldenses no Portugal do século XVIII

anos, que vive a beneficio das ditas agoas: é esse o título completo de um pequeno volume que atraiu nossa atenção em meio ao apresentado conjunto de textos publicados sobre as propriedades e virtudes das águas termais das Caldas da Rainha no Setecentos. Publicado em 1752, o livreto destoa do conjunto que apresentamos há pouco por seu local de publicação, anunciado como estrangeiro, em uma tipografia parisiense – já voltaremos a esse ponto –, e pela construção de sua narrativa. Foram mapeados (Baudry, 2023, p. 94) exemplares físicos dessa obra na Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), na University of Toronto Library (Canadá), na National Library of Medicine (EUA) e nos seguintes fundos portugueses: Biblioteca da Ajuda, Biblioteca Central da Marinha, Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, Biblioteca Municipal de Évora e Biblioteca Nacional de Portugal (doravante BNP) – esta última, repositório que guarda três livros e de onde a transcrição realizada e nossa análise advém. Vejamos algumas particularidades da publicação para, a seguir, tratar de seu conteúdo com algum detalhe.

Apesar de haver duas entradas para os três exemplares da obra no catálogo da Biblioteca Nacional de Portugal, datadas, como indicamos acima, de 1752 e 1758, a consulta aos volumes físicos revela serem todos publicados no mesmo ano, 1752. Mas isso não quer dizer que o trio seja idêntico. Os dois livros arrolados na entrada mais antiga, um com capa dura e outro em pergaminho, apresentam, como mostra o registro no acervo, 24 páginas inumeradas – que contém um prólogo, uma dedicatória e o índice detalhado das matérias tratadas –, seguidas de trezentas numeradas e em formato in-8º (octavo), e mais a “receita do bálsamo de cão, suas virtudes e modo de aplicar”. Na verdade, além desse bálsamo, há uma outra receita compondo o volume, do chamado “bálsamo católico”, somando, ao todo, outras 24 páginas inumeradas ao final. É curioso, todavia, que nas duas cópias essas receitas parecem fazer parte de uma adição posterior, em que não só a coloração do papel é diferente, como o próprio espaçamento entre letras adotado pelo tipógrafo no restante dos livros. No volume identificado na catalogação da BNP como 1758, no entanto, essas receitas não existem.

OBSERVAÇÕES DAS AGOAS DAS CALDAS DA RAINHA OFERECIDAS A TODOS OS ENFERMOS POBRES, QUE NECESITÃO DESTE MILAGROZO REMEDIO, PARA CURA DE SEUS ACHAQUES / POR HUM CURIOSO, QUE HA VINTE ANOS, QUE VIVE A BENEFICIO DAS DITAS AGOAS

AUTOR(ES): Vincent, Jacques, 1671?-1760, impr.
PUBLICAÇÃO: Paris : na Offic. de Jacob Vicent, 1752
DESCR.FÍSICA: [24], 300, [8] p. ; 8o (14 cm)
REF.EXT.: Inocência 6, 318-319
NOTAS: Capitais e cabeções ornamentados
CONTEM: Receita do balsamo de cão, suas virtudes, e modo de o aplicar
TÍT. UNIF.: Observações das águas das Caldas da Rainha

OBSERVAÇÕES DAS AGOSAS DAS CALDAS DA RAINHA. OFFENCIDAS A TODOS OS ENFERMOS POBRES QUE NECESITÃO DESTE MILAGROZO REMÉDIO, PARA CURA DE SEUS ACHAQUES, POR HUM CURIOSO QUE HA VINTE ANOS QUE VIVE A BENEFÍCIO DAS DITAS AGOAS

PUBLICAÇÃO: Paris : offic. de Jacob Vicent 1758
DESCR.FÍSICA: 1 v. ; in-8◊

Figura 3: Pesquisa realizada no catálogo da Biblioteca Nacional de Portugal.

Disponível em: <https://catalogo.bnportugal.gov.pt/ipac20/ipac.jsp?profile=>. Acesso em: 29 jan. 2024.

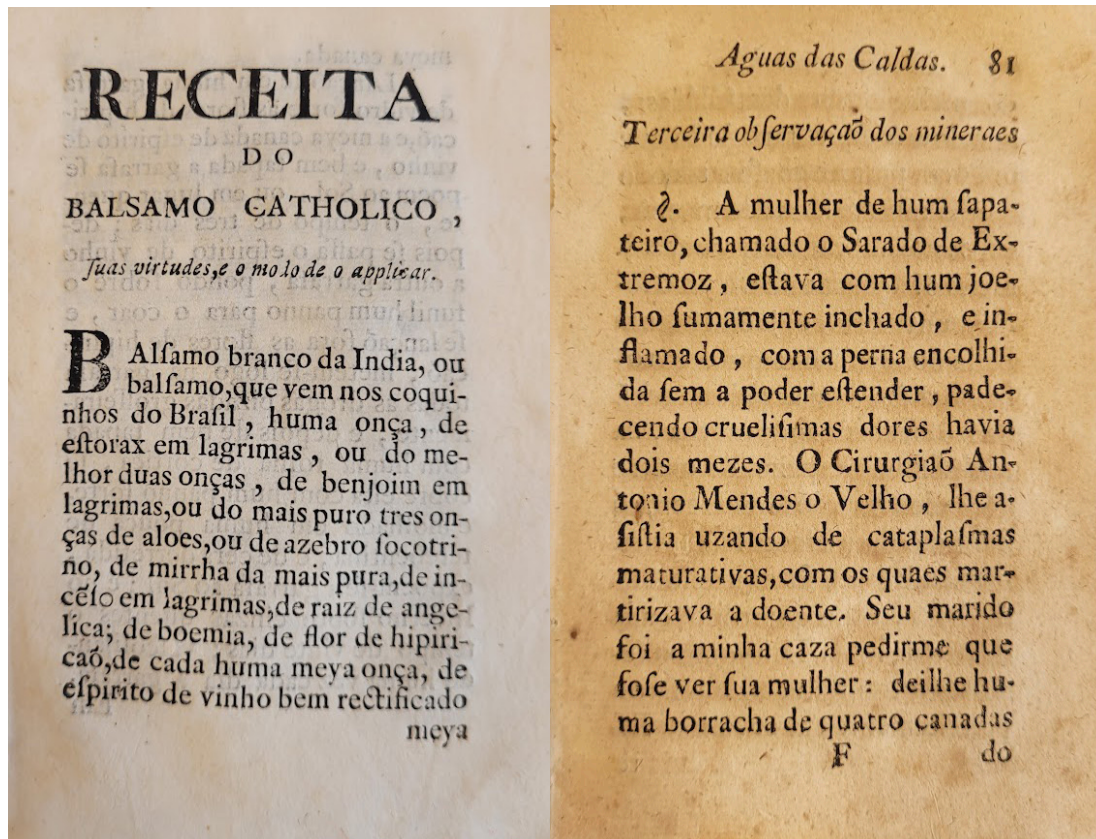


Figura 4: Anônimo (1752), cópia salvaguardada pela Biblioteca Nacional de Portugal (BNP, Lisboa) (Cota AS 6257). Imagem: Acervo do autor.

É impossível afirmar que todos os exemplares depositados nas outras instituições já relacionadas contenham ou não tais adições, mas, ao consultar as descrições realizadas nos catálogos, lemos que na University of Toronto Library, mais especificamente no acervo da Thomas Fisher Rare Book Library, a entrada traz uma “nota geral” que destaca haver a “Receita do balfamo de caõ, suas virtudes, e modo de o aplicar”: [6] p. *from another work bound in at end*”; enquanto que os dois volumes da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, um com encadernação em pele e outro em pergaminho, só apontam “XXII, 300 p.; 8° (14 cm)” na descrição material, por exemplo. Tal disparidade, presente já entre os livros consultados na BNP, sugerem que as impressões conhecidas do livreto, apesar de registradas como da mesma data e tipografia, não foram uniformes.

Sobre a tipografia, a “Oficina de Jacob Vincent”, “em Paris”, há observações interessantes a fazer. Ainda através das informações disponibilizadas pelos locais de guarda das “Observações das águas das Caldas da Rainha”, agora da norte-americana National Library of Medicine (Blake, 1979), encontramos a nota seguinte, que traduzimos livremente: “De acordo com Silva, a imprensa em Paris é provavelmente falsa e o trabalho provavelmente foi impresso em Portugal”. Trata-se de uma referência ao monumental *Dicionário bibliográfico português* (1858), de Inocêncio Francisco da Silva (1810-1876), apontamento que também consta em bibliografias e catálogos especializados sobre a medicina portuguesa no século XVIII (Baudry, 2023, p. 93) e que não poderíamos deixar de perseguir. Na obra desse importante bibliógrafo luso consta, após o título do livro que temos tratado, a seguinte informação: “300 pag. – A indicação ‘Paris’

é quanto a mim evidentemente suposta. Não vi, nem conheço d’este livro mais que um único exemplar, que em 2 de junho de 1858 me foi mostrado pelo sr. Antonio Maria Pereira, em cuja loja se conservará talvez ainda hoje” (Silva, 1973, v. 6, p. 349). Em outras palavras, além da raridade do texto, Silva destaca que a impressão estrangeira, notada no frontispício da obra pelo anunciado logradouro e a ausência das licenças para a publicação em Portugal (Baudry, 2023, p. 29-30), não parecia proceder.

Mas por que uma obra voltada para exaltar e esclarecer as virtudes medicinais das águas das Caldas da Rainha teria sido publicada ilicitamente? Como tal obra teria conhecido a prensa? E pelas mãos de quem teria sido redigida, senão por esse “curioso” que a assina? As respostas que podemos, nesse momento, ensejar a tais questões, encontram suporte nas pistas arroladas por Maria Teresa Mayan Martins (2012), em trabalho dedicado à imprensa clandestina e às contrafações no Portugal setecentista. Ali, ela perscruta os livros que tinham sido feitos ilegalmente a partir de edições autorizadas ou aqueles que ganharam forma encadernada após terem as licenças negadas pelos censores – ou sequer as requererem –, em paralelo com os espaços em que os desvios editoriais foram julgados, como a Inquisição de Lisboa. Por meio dessa investigação, somos apresentados ao compositor de letras Manuel Soares Vivas, processado pelo Santo Ofício português (ANTT, Inquisição de Lisboa, processo n. 523), que teria assumido, em 4 de abril de 1753, a publicação de “livro de água de Caldas” (Martins, 2012, p. 108) nos prelos particulares de seu mestre, o padre doutor Manuel de Santa Marta Teixeira (1720 - ?). Pela data da obra e da confissão, tudo leva a crer que a foi na oficina instalada então no convento de Santo Elói de Lisboa, pertencente à Ordem de Cônegos de São João Evangelista – da qual o padre doutorado em Coimbra fazia parte –, que as *Observações das águas das Caldas da Rainha* ganharam papel, tinta e encadernação.

Apesar de não haver, no processo de Soares Vivas, mais informações que levassem à autoria da obra, a referência que faz ao padre e à Ordem de que fazia parte são mais que um detalhe. Falamos anteriormente sobre ela: foi aos professos de São João Evangelista que a administração do Hospital fora entregue ainda no século XVI. Duzentos anos depois, a situação dos religiosos frente à instituição parecia enfrentar problemas, com representações, em 1752, à Coroa contra “os abusos e crimes praticados no hospital pelo provedor, padre Manuel da Natividade, o almoxarife, padre Policarpo de S. José, e o dispenseiro, o irmão leigo José” (Carvalho, 2012, p. 176), de tal sorte que uma devassa foi levada a cabo, em 16 de janeiro de 1753, pelo provedor da Câmara de Torres Vedras. Não houve procedimento à denúncia. Imediatamente depois, é justamente o padre doutor Manuel de Santa Marta Teixeira e mais um colega quem são mobilizados pela própria Congregação para procederem a uma devassa sobre o mesmo assunto, novamente sem qualquer aferimento de culpa (Carvalho, 2012, p. 178). Isso tudo reitera a proximidade, senão sobreposição, dos irmãos daquela Ordem na escritura do livro.

Independentemente de quem seja, se leigo ou religioso, se “não falava a língua” como afirma no Prólogo – o que parece improvável –, o “anônimo curioso” era letrado, e tinha conhecimento – e opinião forte – de doutores que tinham obrado nas Caldas e de livros que tinham descrito, a seu tempo e em alguma medida, os prodígios daquelas águas medicinais. Ao longo do texto, ele empreende críticas gerais a médicos, boticários, cirurgiões e enfermeiros que atuavam no Hospital, e, mais ainda, ao que fora publicado acerca das qualidades das termas. O autor ressalta, a certa altura, que “o médico Francisco da Fonseca Henriques Mirandela, no seu *Aquilégio medicinal*, falou superficialmente e inutilmente das águas das Caldas da Rainha, pois seu livro foi impresso em 1726 e as Caldas estão administradas com a mesma ignorância

que foram em seus mais remotos princípios” (Anônimo, 1752, p. 161-162), e diz mais, propondo as emendas necessárias para o pleno funcionamento da estância balnear para fins terapêuticos:

Este [bom] médico ciente na matéria das águas minerais é o que falta nas Caldas da Rainha, e faltará eternamente se a piedade caritativa do Augustíssimo Rei D. José Nosso Senhor, que Deus guarde, não concorrer para que o haja. Considero o grandioso e magnífico Hospital das Caldas da Rainha, e o comparo a uma formosa nau de guerra que empreenderia uma viagem dilatada sem piloto, e como é certo que esta nau não poderia deixar de naufragar, também é certo que os enfermos se não podem curar nem deixar de perecer a maior parte, ainda que a água das Caldas seja milagrosa, porque lhe falta o piloto, que é o médico capaz de a administrar (Anônimo, 1752, p. 163-164).

De críticas mais ácidas aos profissionais da saúde à insistência na ingestão das águas sulfurosas como virtude quase que maior que os banhos, passando pelo detalhamento de casos observados e querelas com enfermeiros, fato é que “deliberadamente poupava nas suas críticas os cônegos de Santo Elói, que tão responsáveis eram dos erros que combatia, mostrando assim a preocupação de respeitar a Igreja” (Carvalho, 2012, p. 170) – e, talvez, os próprios confrades do autor, “se não mesmo ao próprio provedor do Hospital, então em exercício – Padre Manuel da Natividade – que, tal como é afirmado no Prólogo, tanto se bateu pela publicação” (Martins, 2012, p. 111). É, pois, uma obra de maior interesse, por essa trajetória editorial particular e seu conteúdo.

Aqui, diante da impossibilidade de transcrever e comentar o texto integral das *Observações das águas das Caldas da Rainha* [...], sobretudo pela mencionada extensão do livreto, optou-se por apresentar ao leitor, com ortografia e pontuação atualizados, o prólogo e a dedicatória redigidos pelo anônimo autor; o índice geral, em que as matérias abordadas são descritas com algum detalhe; os capítulos primeiro e segundo, em que a querela entre suas concepções e aplicações das águas termais com agentes de saúde do hospital das Caldas da Rainha pode ser entrevista. Foram sistematizados, por fim, os títulos dos 26 capítulos que compõem a obra – elemento que não está disposto no volume, mas que ajuda a ter dimensão da disposição das matérias abordadas pelo autor para além do índice. Com esses recursos, creio, um panorama do conteúdo – que contempla os usos medicinais das águas caldenses, por certo, mas também as querelas e embates em torno da legitimidade do saber médico e da própria estrutura hospitalar –, do estilo e da abordagem ficam disponíveis para a consulta, e podem ensejar novos trabalhos sobre a temática das águas termais, medicinais, minerais e milagrosas no século XVIII.

Referências bibliográficas

ABREU, L. Câmaras e misericórdias: relações políticas e institucionais In: CUNHA, M.S.; FONSECA, T. *Os municípios no Portugal moderno: dos forais manuelinos às reformas liberais*. Évora: Publicações do Cidehus, 2005. Disponível em: <http://books.openedition.org/cidehus/1117>. Acesso em: 7 jul. 2024.

ANÓNIMO. *Observações das agoas das Caldas da Rainha oferecidas a todos os enfermos pobres, que necessitam deste milagrozo remedio, para cura de seus achaques*: por hum curiozo, que ha vinte anos, que vive a beneficio das ditas agoas. Paris [Lisboa]: Officina de Jacob Vicent, 1752.

“Termais, medicinais, minerais, milagrosas”: a investigação das propriedades das águas caldenses no Portugal do século XVIII

- ARRAIS, D.M. *Methodo de conhecer e curar o morbo gallico*: primeira, & segunda parte: pelo Doutor Duarte Madeira Arraiz. Lisboa: Antonio Craesbeeck de Mello/Antonio Leite Pereira mercador de livros, 1683.
- BANDEIRA, A.M.L. O Hospital Real de Coimbra: acervo documental de uma instituição assistencial (1504-1772). *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra*, v. 28, p. 7-75, 2015.
- BASSANI, M. Pilgrimages to mineral springs between Antiquity and the Middle Ages. *Archaeology & Pilgrimage: La Rivista di Engramma*, n. 204, jun.-ago. 2023. Disponível em: https://www.egramma.it/eOS/index.php?id_articolo=5217. Acesso em: 7 jul. 2024.
- BAUDRY, H. Bibliografia médica lusa: obras impressas em Portugal no século XVIII. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2023.
- BLAKE, J.B. *A short title catalogue of eighteenth-century printed books in the National Library of Medicine*. Bethesda: National Institutes of Health/National Library of Medicine, 1979.
- BRANDÃO, J.I.S. *Memórias dos annos de 1775 a 1780 para servirem de historia á analysi, e virtudes das agoas thermaes da Villa das Caldas da Rainha*. Lisboa: Regia Officina Typografica, 1781.
- CAIRUS, H.F. Ares, águas e lugares. In: CAIRUS, H.F.; RIBEIRO JR., W.A. *Textos hipocráticos: o doente, o médico e a doença*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005. p. 91-129. Disponível em: <http://books.scielo.org>. Acesso em: 7 jul. 2024.
- CARVALHO, A.S. *Memórias das Caldas da Rainha (1484-1884)*. Lisboa: Textiverso, 2012. (Fac-símile da edição de 1932)
- CARVALHO, A.S. *Memórias das Caldas da Rainha (1484-1884)*. Lisboa: Tipografia da Livraria Ferirn, 1932.
- CARVALHO, R. *Bibliografia científica do século XVIII em Portugal*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2015.
- CASTRO, A.L. *Aviso ao público a respeito da Agoa de Inglaterra da composição do doutor Jacob de Castro Sarmiento fabricada nesta corte ha mais de trinta annos com publica, e innegavel aceitação por André Lopes de Castro*. Lisboa: Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1799.
- CILLIERS, L.; RETIEF, F.P. Medical practice in Graeco-roman antiquity. *Curationis*, v. 29, n. 2, p. 34-40, 2006.
- CONCEIÇÃO, L.F.P. *O banho e a higiene doméstica em Portugal*. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas, 2008.
- CORREIA, F.S. *Origens e formação das Misericórdias portuguesas*. Lisboa: Henrique Torres, 1944.
- DIAS, J.P.S. *Droguistas, boticários e segredistas: ciência e sociedade na produção de medicamentos na Lisboa de setecentos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian; Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2007.
- DIAS, J.P.S. Mineral waters, spas and therapeutics in seventeenth and eighteenth century Portugal. *Portuguese Journal of Social Sciences*, v. 16, n. 1, p. 37-51, 2017.
- DUARTE, M.N.S. *Uma vila que gravita em redor de uma instituição assistencial: a recuperação do património urbanístico do hospital das Caldas até 1533*. v. I-II. Tese (Mestrado em Estudos do Património) – Universidade Aberta, Lisboa, 2008.
- FILGUEIRAS, C.A.L. A influência química nos saberes médicos académicos e práticos do século XVIII em Portugal e no Brasil. *Química Nova*, São Paulo, v. 22, p. 614-621, 1999.
- GAGO, J.N. *Tratado physico-chymico-medico das aguas das Caldas da Rainha no qual se incorporou a relação da epidemia que pelos fins do anno de 1775, e todo o de 1766 se padeceo no sitio do Seixal*. Lisboa: Typografia Rollandiana, 1779.
- GIANFALDONI, S. et al. History of the baths and thermal medicine. *Open Access Macedonian Journal of Medical Sciences*, v. 5, n. 4, p. 566-568, 2017.
- GOMES, S.A. Caldas da Rainha: das origens ao século XVIII: problemas sobre história local e história global. In: ENCONTRO DE PROFESSORES DE HISTÓRIA, 9., 1991, Caldas da Rainha. *Comunicações*. Caldas da Rainha; [s.n.], 1991.
- GOMES, S. *As cidades têm uma história: Caldas da Rainha das origens ao século XVIII*. Caldas da Rainha: Património Histórico, 1994.

- GROSSI, F. Parks and hydro-mineral springs in the classical world and in the contemporary era: place in therapeutics. *Clinical Therapeutics*, v. 148, p. 549-565, 1997.
- HENDERSON, J. *The Renaissance hospital: healing the body and healing the soul*. New Haven: Yale University Press, 2006.
- HENRIQUES, F.F. *Aquilegio medicinal, em que se dá noticia das agoas de Caldàs, de fontes, rios, poços, lagoas e cisternas do Reyno de Portugal e dos Algarves que, ou pelas virtudes medicinaes que tem, ou por outra alguma singularidade, são dignas de particular memoria*. Lisboa Ocidental: Officina de Música, 1726.
- JOUANNA, J. *Hippocrates: medicine and culture*. Baltimore: John Hopkins University Press, 1999.
- LARGE, D.C. *L'Europa alle terme: una storia di intrighi, politica, arte e cura del corpo*. Torino: 2019.
- LI CASTRE, A. Thermal baths and wellness in Italy. *Presses Thermiques et Climatiques*, v. 146, p. 265-272, 2009.
- MANGORRINHA, J. *O lugar das termas: património e desenvolvimento regional - as estâncias termais da região Oeste*. Lisboa: Livros Horizonte, 2000.
- MARCARD, H.M. *Breve instrução sobre o uso interior da Agoa de Pymont, para quem a houver de tomar, ou em casa, ou junto á mesma fonte: Por Henrique Mathias Marcard [...] Traduzida do alemão em portuguez*. Lisboa: Officina Antonio Rodrigues Galhardo, 1796.
- MARQUES, A.H.O. *Portugal na crise dos séculos XIV e XV: nova história de Portugal*, v. IV. Lisboa: Presença, 1989.
- MARTINS, M.T.P. *Livros clandestinos e contrafações em Portugal no século XVIII*. Lisboa: Colibri, 2012.
- MASETTI, A. "Salus per aquam": terme e termalismo nella storia. *Giornale di Medicina Militare*, v. 161, p. 11-16, 2011.
- MATTOSO, J. *História de Portugal: a monarquia feudal (1096-1480)*. Lisboa: Estampa, 1993.
- MELILLO, L. Thermalism in Ancient World. *Medicina nei Secoli*, v. 7, p. 461-483, 1995.
- NORONHA, F.A.B. *Analyze das agoas hepithizadas marciaes do lugar de Falla feita debaixo da direcção e auspicios do Dr. Domingos Vandelli: dedicada ao Ex.mo e Rev.mo Senhor D. Francisco Raphael de Castro*. Coimbra: Real Officina da Universidade, 1789.
- NUTTON, V. Humoralism. In: BYNUM, W. F.; PORTER, R. *Companion encyclopedia of the history of medicine: medieval medicine*. Omaha: Horatius Press, 1997.
- PALMER, R. "In this our lightye and learned tyme": Italian baths in the era of the Renaissance. *Medical History Supplement*, v. 10, p.14-22, 1990.
- PESSOA, J.M.C. *Analyze das agoas thermaes das Caldas da Raynha*. Coimbra: Real Officina da Universidade, 1778.
- PINTO, H.J.F.O. *Jacob de Castro Sarmiento e o conhecimento médico e científico do século XVIII*. Tese (Doutorado em História, Filosofia e Património da Ciência e da Tecnologia) – Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2015.
- PITA, J.R. *Farmácia, medicina e saúde pública em Portugal (1772-1836)*. Lisboa: Minerva, 1996.
- PITA, J.R. *História da farmácia*. Coimbra: Minerva, 1998.
- GILCHRIST, R. Unsexing the body: the interior sexuality of medieval religious women. In: SCHIMIDT, R.A.; VOSS, B.L. (ed.). *Archaeologies of sexuality*. Londres: Routledge, 2000. p. 89-103.
- RODRIGUES, I. *Doença e cura, virtude do hospital Real das Caldas (1706-1777): elementos sociais e económicos*. Dissertação (Mestrado em História Moderna) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 2007.
- RODRIGUES, L.O. *Os hospitais portugueses no Renascimento (1480-1580): o caso de Nossa Senhora do Pópulo de Caldas da Rainha*. Tese (Doutorado em História Moderna) – Universidade do Minho, Braga, 2013.
- SÃO PAULO, J. *O hospital das Caldas da Rainha até ao ano de 1656, v. I*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 1967.
- SARMENTO, J.C. *Materia Medica, Physico-Historico-Mechanica, Reyno Mineral, Parte I, a que se ajuntam os principaes Remedios do prezente estado da materia medica; como sangria, sanguessugas, ventosas sarjadas, emeticos, vesi-*

“Termais, medicinais, minerais, milagrosas”: a investigação das propriedades das águas caldenses no Portugal do século XVIII

catorios, diureticos, sudoríficos, ptyalismicos, opiados, quina quina, e, em especial, as minhas agoas de Inglaterra como também, Huma Dissertação Latina sobre a Inoculação das Bexigas. Londres: 1735.

SARMENTO, J.C. *Appendix ao que se acha escrito na materia medica do Dr. Jacob de Castro Sarmiento sobre a natureza, contentos, effeytos, e uso pratico, em forma de bebida, e banhos das agoas das Caldas da Rainha: participado a o publico, em huma carta escrita ao Dr. Joaõ Mendez Saquet Barboza, socio da Sociedade Real de Londres, &c. A que se ajunta o novo methodo de fazer uzo da agoa do Mar, na cura de muitas enfermidades chronicas, em especial nos achaques das glandulas.* Londres: 1753.

SCHLEIF, C. Men on the right: women on the left: (a)symmetrical spaces and gendered places. In: RAGUIN, V.C.; STANBURY, S. (ed.). *Women's space: patronage, place, and gender in the medieval church.* Albany: State University of New York Press, 2005. p. 207-250.

SILVA, A.F. *Exame medico-chimico dos contentos de huma agoa mineral descoberta haverá doze annos em Villa Nova de Gaya, feito em Outubro de 1763: por Antonio Francisco da Silva cavalleiro professo na ordem de Christo, e professor de medicina na cidade do Porto.* Porto: Officina de Francisco Mendes Lima, 1764.

SILVA, A.P. *Chronographia medicinal das Caldas de Alafoens, offerecida ao illustrissimo senhor Duarte de Almeyda & Sousa.* Lisboa: Miguel Deslandes, 1696.

SILVA, C.A.O. *Noticia analytica das agoas ferreas da Villa de Punhete: seu modo de obrar: molestias, em que são proprias: e direcções para o seu uso.* Lisboa: Officina Nunesiana, 1799.

SILVA, I.F. *Diccionario bibliographico portuguez: estudos de innocencio Francisco da Silva applicaveis a Portugal e ao Brasil.* Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1973. (Fac-símile da edição de Lisboa: Imprensa Nacional, 1858-1958)

SOUSA, I.C. *Um hospital do populus: da misericórdia e da rainha para uma vila do Renascimento: Caldas da Rainha: património das águas.* Lisboa: Assírio & Alvim, 2005.

TAVARES, F. *Advertencias sobre os abusos, e legitimo uso das aguas mineraes das Caldas de Rainha para servir de regulamento aos enfermos que dellas tem precisão real.* Lisboa: Na Officina da mesma Academia Real, 1791.

VIGARELLO, G. *O limpo e o sujo: a higiene do corpo desde a Idade Média.* Tradução de Isabel St. Aubyn. Lisboa: Editorial Fragmentos, 1988.

WITHERING, W. *Analyse chimica da agoa das Caldas da Rainha por Guilherme Withering doutor em medicina, socio da Academia R. das Sciencias de Lisboa, e da Sociedade R. de Londres: a chemical analysis of the water at Caldas da Rainha by William Withering.* Lisboa: Officina da Academia, 1795.

OBSERVAÇÕES DAS AGOAS DAS CALDAS DA RAINHA OFERECIDAS A TODOS OS ENFERMOS POBRES, QUE NECESITÃO DESTE MILAGROZO REMEDIO, PARA CURA DE SEUS ACHAQUES / POR HUM CURIOZO, QUE HA VINTE ANOS, QUE VIVE A BENEFICIO DAS DITAS AGOAS

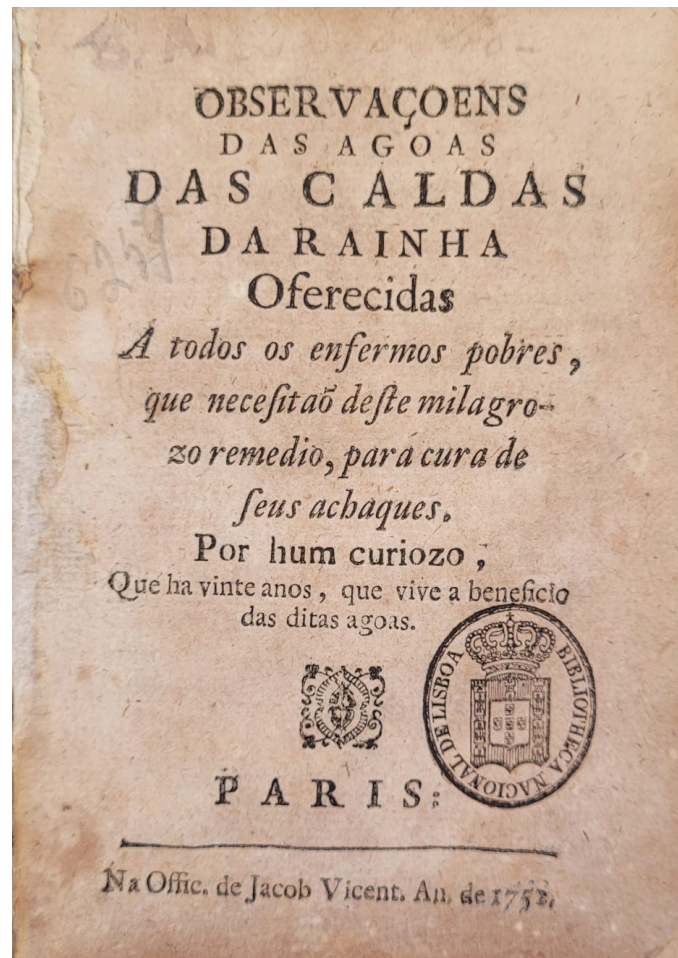


Figura 5: Frontispício da obra, publicada em Paris: na Officina. de Jacob Vicent, 1752. [24], 300, [8] p.; 8o (14 cm).
Cópia salvaguardada pela Biblioteca Nacional de Portugal (BNP, Lisboa).

PRÓLOGO

LEITOR amigo, ofereço-te este livrinho pequeno no volume, e avultado pelo muito bem que em si inclui: as milagrosas águas das Caldas são um tesouro ainda escondido à notícia perfeita dos portugueses; e permitirá Deus agora que um estrangeiro seja o primeiro que principie a divulgar a sua muita preciosidade. Não me levou a este gênero de composição alguma vaidade, mas sim o zelo do bem comum e amor da pobreza, e o desejar cumprir os desejos do M. R. P. Provedor do Hospital, o Senhor Manoel da Natividade,¹ que com repetidas instâncias me pediu

1 Em livros de receita e despesa do Hospital constam termos com rubrica de encerramento e outras ações do Provedor, como no depositado no "Convalescença do Hospital no ano de 1749", depositado no Arquivo Nacional da Torre do Tombo (PT/TT/ER/A-CF/002/0001).

e escreveu que fizesse eu um extrato das observações que pelo espaço de tantos anos fizera nas águas daquela prodigiosa piscina.

Ajuntou-se estes motivos dever eu a estas águas vinte anos mais de vida, e junto era que pagasse tamanho benefício (---)² divulgando as suas virtudes. Lê e aproveita-te, que eu espero em Deus que seja esta minha obra, assim tosca e pouco ordenada, o primeiro fundamento sobre o qual entrem os médicos de melhor nota a levantar edifício de mais judiciosas observações. O estilo tem desculpa, porque para a utilidade da pobreza escrevo em língua estranha, que mal sei falar; porém, todos os defeitos serão perdoados, se atenderes ao fim que me inclinou a esta obra.

Vale.

DEDICATÓRIA

MEUS amados pobres enfermos, paráliticos, estuporados, tolhidos, asmáticos, sarnosos, (---) etc, eu vos dedico esta pequena obra, toda feita para vossa utilidade. Deus, que vos permitiu o achaque, logo vos proveu do remédio, e de um remédio tão barato que corre abundantemente sobre a terra, não como os remédios de botica, que uns se ocultam com capa de segredo,³ outros se dificultam pela exorbitância do preço. Agradecei a Deus tanto benefício, e na oração de vosso agradecimento rogai também ao Senhor por mim, que eu mais estimo as vossas orações do que temo as injúrias dos médicos e as pragas dos boticários.

Muito vosso devoto

* * *

(---)

INDEX

Geral

A

Água das Caldas [que]⁴ o autor bebeu contra o parecer dos médicos, p. 3.

Atrofia ou magreza, desde o pé até o quadril, curada com água das Caldas bebida, p. 26.

Água das Caldas, que o autor mandou transportar a Lisboa para se certificar, por experiência, a que queixas se podia aplicar com utilidade, p. 37.

Água das Caldas, evaporada; a parte sulfúrea pode ser um excelente remédio para obstruções, p. 43 e 44.

2 A quebra de páginas não numeradas está marcada com o sinal (---). Quando há numeração, optou-se por usar o sinal (---) seguido do número da página, como: (---1).

3 Para mais sobre os chamados “remédios de segredo” em Portugal no século XVIII, ver Dias (2007).

4 Inclusões de pontuação ou termos são sinalizados entre colchetes. [] Omissões não são sinalizadas.

Ancilose⁵ ou inchaço dos tornozelos, que impedia a flexão ou dobrar-se as juntas dos pés, curada com banhos do lodo e água das Caldas bebida, p. 54 e 55.

Alfaiate, que com os minerais das Caldas (---) se curou de uma chaga gálica, que lhe tinha comido mais da metade da língua, p. 72 até 78.

Asma [:] o autor se curou de asma com água das Caldas bebida, p. 130 até 134.

Água das Caldas transportada em pipas⁶ ou odres⁷ não vale nada para tomar banhos, p. 284.

Água que se transporta em garrafas para se beber, pag. 285; deve-se beber morna, p. 289 e 290.

Água das Caldas [:] a sua desgraça foi nascer em Portugal, e tão perto da Corte, p. 291.

B

Boticário, o do Hospital das Caldas, não podia tolerar que os enfermos se purgassem com água do pocinho bebida, p. 35.

Banhos do lodo, que mandou fazer o Brigadeiro Manoel da Maya,⁸ ao rogo do Monsenhor Sampaio⁹ e do autor; a brevidade com que estes banhos obram nas (---) queixas; que resistiram aos remédios galênicos e químicos; basta para fazer contestar aos médicos mais presumidos de cientes [e] que não sabem quase nada de medicina, p. 149 até 156.

Banhos esquentam os sujeitos moços e os magros, p. 217 e 218.

C

Conjuração, ou liga ofensiva que fizeram o médico, o boticário e os enfermeiros das Caldas contra o autor e contra os R.R. Provedores e almoxarifes, implorando o socorro do Geral dos Cônegos seculares de São João Evangelista para fazer parar a heresia da água bebida, p. 62, 63 e 64.

Cordes [:] o Reverendo Padre Francisco de Cordes¹⁰ de Companhia de Jesus e seu companheiro beberam água das Caldas, por conselho do autor, no ano de 1739, p. 64, 65 e 66.

Cardeal [:] os inimigos da água das Caldas (---) publicaram que o senhor Cardeal da Mota tinha morrido por ter bebido água das Caldas, p. 135 e 141.

5 Grafado como "anquiloza". Do grego *agkýlosis*, que significa "curvatura", foi definido por Antonio Moraes Silva (1789) como "Anchylosis, Med. Doença nas juntas, que as priva de seu movimento, e as faz duras, como se fossem inteiriças" (p. 130).

6 "Pipa: vasilha grande, composta de aduelas, apertadas com arcos, & bem unidas, em que se guarda vinho, azeite e outros licores" (Bluteau, 1712-1728, p. 522).

7 "Odre: couro de bode, ou pele de cabra, em que se trasfega o mosto, ou em que se deita o vinho ou azeite" (Bluteau, 1712-1728, p. 43).

8 Possivelmente Manuel da Maia (1677-1768), engenheiro e professor, filho de Francisco da Maia, que a partir de 1745 foi guarda-mor da Torre do Tombo. (Cf. Manuel, [s.d.]

9 António Pereira (1756, p. 4-5) refere um "Monsenhor Sampaio, Prelado da Igreja Patriarcal, salvou muitas vidas entre as ruínas e fez com que outras fossem conduzidas aos hospitais. Durante várias semanas, sepultou 240 cadáveres".

10 Franciso de Cordes (1689-1768) nasceu em Lisboa, freguesia da Encarnação, em 1689, filho de António Luís de Cordes e Joana Maria, confirmado fidalgo em 1701. Ingressou na Companhia de Jesus em 1704, em Lisboa, e professou em 1722. Em 1732, foi expulso de Cantão pelo imperador Yongzheng, regressando a Macau, onde foi responsável por transações comerciais e expedição de mercadorias até 1734. Em 1759, como procurador-geral do Japão, foi encarcerado na fortaleza de São Julião da Barra e posteriormente deportado para Rufinella (Itália), onde faleceu (Coutinho, 2021).

Circunstâncias que devem observar os que bebem águas minerais, p. 136 e 137.

Circunstâncias que faltam nas Caldas da Rainha para a cura de vários enfermos, p. 282 até 285.

D

Diligência que fez o autor para saber se a água das Caldas se podia[m] conservar muito tempo sem corrupção, para o que foi pedir conselho ao Excelentíssimo Conde de Assumar, hoje Marquês de Alorna,¹¹ p. 38 e 39.

Dona Ana Verney, no ano de 1750, depois de ter padecido [de] uma dilatada doença de sobreparto, foi às Caldas por conselho do autor, bebeu água do pocinho em Lisboa e nas Caldas, donde também tomou banhos, (---), sarou tão perfeitamente que, depois desta cura, tem parido duas vezes com bom sucesso, p. 112 e 113.

E

Estrangeiros [:] os que vão às Caldas ficam admirados da soberba fábrica do Hospital, mas ficam atônitos quando consideram que se não destinam dois ou três mil cruzados cada ano para um médico capaz de administrar aquele remédio, p. 164 e 165.

Explicação do modo que se deve observar para beber a água das Caldas da Rainha, p. 208 até 212. Estuporados¹² e paráliticos em Portugal que não bebe das águas das Caldas porque não podem passear, p. 12 e 13.

Enfermeiros e enfermeiras das Caldas da Rainha, p. 234 a 241.

(---)

F

Febre lenta, fastio e outras queixas [de] que padecia uma criada do autor, e das quais sarou com a água das Caldas bebida, p. 14.

Face, ou rosto muito inchado, curado com os minerais das Caldas aplicados exteriormente, p. 87 e 88.

Febre é o remédio da paralisia, p. 147 e 148.

G

Gota¹³ [:] um homem de sessenta anos que a gota tinha totalmente aleijado os pés e mãos, com aplicação de lodo e água bebida se dissolveram os nodos dos dedos das mãos e dos pés, e se puseram no seu estado natural, p. 57, 58 e 59.

11 Pedro de Almeida Portugal, conhecido como o 3º conde de Assumar (1733) e o 1º marquês de Castelo-Novo (1744), teve seu título alterado em vida para marquês de Alorna (1748). Destacou-se como líder militar e figura política durante a restauração do enfraquecido Estado da Índia (Francisco, 2010).

12 “Estupor: cessação ou suspensão das funções animais. Adormecimento de alguma parte do corpo por causa de humor cru e frio, falta do perfeito sentimento e princípio da paralisia” (Bluteau, 1712-1728, p. 351).

13 Mal comum, a gota recebeu descrição pormenorizada dos dicionaristas: “Gota: doença causada da acrimônia do humor que cai nas juntas e faz muita dor [...] todo mal da Gota procede das gotas do humor que corre e se embebe nas juntas. Com abstinência e sobriedade sararão alguns da gota. Paixões violentas e permanentes V.G. uma grande ira ou uma profunda tristeza, foram algum dia remédios deste mal, porque a perturbação da alma e o movimento e alteração dos espíritos apaga ou altera o fermento podrágrico, principalmente no

Gálico¹⁴ [:] uma pobre mulher pejada de sete meses tinha a boca e a (---) garganta toda chagosa¹⁵ sarou em dezessete dias com os minerais das Caldas, p. 78, 79 e 80.

H

Hidropisia¹⁶ com retenção ou supressão de urina e constipação do ventre curada com os minerais das Caldas aplicados exteriormente, p. 84, 85 e 86.

I [sic]

Joelho muito inchado e inflamado, com encolhimento dos nervos e crudelíssimas dores, tudo se dissipou com o lodo aplicado exteriormente, e os minerais das Caldas tomados interiormente, p. 81 e 82.

João Mariete, homem de negócio, se curou no ano de 1750 de uma debilidade das pernas, com banhos e água bebida, sendo ele mesmo seu médico, p. 111.

(---)

João Mendes Saquete Barboza, médico do Hospital Real da Cidade de Elvas,¹⁷ o mais capaz dos que eu conheço para ser médico do Hospital das Caldas da Rainha, p. 186 até 188.

José Rodrigues Vareira, capitão de navio, se curou em Lisboa de uma grave e dilatada doença com água das Caldas bebida, p. 289 e 290.

L

Letrado hipocondríaco,¹⁸ que ficou quase sufocado com o primeiro banho, e melhorou logo com a água das Caldas bebida, p. 23.

Língua [:] paralisia da língua, p. 142 até 147.

(---)

M

Medo [de] que tiveram os enfermeiros, o médico e o boticário do Hospital das Caldas quando viram que se podiam curar os enfermos com água das Caldas bebida, p. 7.

estômago que preside as mais digestões e as altera. A gota se faz hereditária com o cheiro do ácido mortifico gotoso, intimamente unido com o espírito influente prolífico do pai [...] A Gota é uma doença dolorosa, demonstração da ignorância da medicina, disse Ovídio" (Bluteau, 1712-1728, p. 100).

14 Outra doença ordinária daquele tempo, é remetida ao verbete "Mal Francez" tanto por Bluteau quanto por Silva, com o primeiro também indicando ver "Boubas" e o último acrescentando o termo "venéreo". Posteriores dicionários de medicina, já no século XIX, indicam ver "sífilis".

15 Entendemos como "cheio de chagas"; entretanto, os dicionários consultados não indicam o termo, preferindo "chagado".

16 Outro longo verbete de Raphael Bluteau (1712-1728, p. 80-81), em que indica haver, além de três "fortes hidropesias", outros sete tipos da doença. A definição geral é a seguinte: "Hydropesia: inchação ou tumor preternatural do ventre, ou das pernas, ou do corpo todo, causada de uma água intercutânea, quando não há boa sanguificação no fígado".

17 Elvas é uma cidade raiana portuguesa do distrito de Portalegre, na região do Alentejo.

18 É mal desdobrado pelos dicionaristas com amplitude e detalhe, associado à melancolia. "Hypocondriaco: aquele que, pelas fumaças e vapores que lhe sobem ao cérebro, anda melancólico e está quase fora de si" (Bluteau, 1712-1728, p. 86-87).

Minerais [:] como teve o autor ocasião de conhecer os minerais da água das Caldas, p. 67, 68 e 69.

Medicina [:] a verdadeira é o bom método de administrar os remédios, p. 113 e 114.

Mirandela¹⁹ [:] o médico, no seu *Aquilégio medicinal*, falou superficialmente e inutilmente nas águas das Caldas da Rainha, p. 161 até 164.

Minerais aplicados exteriormente restituem o calor aos membros frios, são excelentes para evitar a gangrena²⁰ ou herpes, p. 83 até 86.

Minerais das Caldas, p. 263 até 273.

Médicos [:] não se podem culpar os médicos do Reino de se acharem até o (---) presente as Caldas da Rainha em tão pobre reputação, p. 166 e 166 [sic].

N

Necessidade que há de haver nas Caldas um médico ciente para administrar aquele milagroso remédio, p. 157 até 161.

O

Observação de uma enferma que, creio, se teria sufocado, se tivesse tomado os banhos sem ser bem purgada,²¹ p. 219 até 224.

Os enfermos que vão às Caldas devem perseverar no uso da água bebida sem se enfardarem, p. 225 até 234.

O que se observa no Reino de França quando se quer mandar um enfermo às Caldas, p. 257. (---)

P

Pobre chagoso e sarnoso,²² que os enfermeiros mandaram meter dentro do pocinho, dizendo-lhe que era o banho, p. 11.

Pernas monstruosamente inchadas, curadas com água das Caldas bebida e dois banhos cada dia, p. 20.

19 Referência ao doutor Francisco da Fonseca Henriques, oriundo dessa localidade, como abordamos.

20 Apesar do entendimento semelhante ao corrente hoje, a explicação das causas da gangrena apresentadas por Bluteau (1712-1728, p. 25) vale a reprodução: “Gangrena: é princípio de mortificação da carne de alguma parte, a qual não está ainda toda morta, mas por falta de espíritos vitais e calor natural, vai morrendo. As causas de gangrena são três: 1. Quando os espíritos vêm à parte e ela não os recebe, por estar muito fria e desconcertada a sua compleição e harmonia; 2. Quando os espíritos vêm à parte e ela os recebe, mas afogam-se com a carga do sangue e grande quentura da parte; 3. Quando os espíritos não chegam à parte, porque lhes tolhem no caminho e não tem por onde passar”.

21 “Purgar: expelir os viciosos humores. Tirar as qualidades nocivas” (Bluteau, 1712-1728, p. 831). Para garantir essa expulsão dos humores, as purgas costumavam causar vômito, diarreia ou ambos.

22 Entenderíamos como “cheio de sarnas”, mas os dicionários usam “sarnento”. “Sarna: parece que se deriva de *Savies*, que em Latim é matéria que sai das chagas, apostemas etc., ou do Hebraico *Sarvang*, que vai o mesmo que leproso. É uma aspereza na superfície da pele, com vermelhidão e bostelas, umas mais secas e úmidas que as outras, com comichão. O leite da mãe no tempo da prenhez ou da ama são a causa remota da sarna” (Bluteau, 1712-1728, p. 503).

Pobre com galicado,²³ com todo o corpo chagoso e um assombramento de estupor curado com água das Caldas bebida e banhos do logo, p. 47.

Pernas secas desde os pés até os joelhos, curada com água das Caldas bebida e os banhos do lodo, p. 50.

Pobres, no número de quatorze, curados de diferentes lesões ou aleijamento²⁴ com os banhos do lodo e água das Caldas bebida, p. 60 e 61.

Provedor das Caldas, o Reverendo Padre Mestre Pedro do Sacramento, no ano de 1735, bebeu água das Caldas, que lhe facilitou sarar uma chaga que (---) tinha em uma perna, p. 62.

Pés calosos e usados, curados com os minerais das Caldas misturados com bálsamo de cão, pag. 88 e 89.

Paralisia de um braço curada com os minerais das Caldas e o bálsamo de cão, p. 89, 90 e 91.

Paralítico na idade de 64 anos se curou com água das Caldas bebida, os banhos e os minerais misturados com bálsamo de cão aplicados exteriormente, p. 95 até 108.

Q

Quanto convém beber a água das Caldas antes de tomar os banhos, o modo com que obram os minerais introduzidos no corpo pelos banhos para curar as obstruções, p. 17 até 183.

Queixas ou enfermidades que se curam com as águas minerais de Saint Amend, e as mesmas se curam e curaram nas Caldas da Rainha, p. 199 até 204.

(---)

Quartãs²⁵ e sezões²⁶ se curam com água das Caldas bebida, p. 204 até 207.

R

Reitor de S. Eloy de Lisboa morreu nas Caldas no ano de 1748 por tomar os banhos contra o parecer do autor, p. 108 e 109.

Reflexão sobre a água das Caldas bebida, p. 115 até 129.

Razão por que os banhos das Caldas podem algumas vezes melhorar por um ou dois meses algumas pessoas obstruídas, p. 189 até 199.

Regras que um bom médico ou os Provedores haviam de estabelecer nas Caldas a respeito dos enfermeiros, p. 294 até 300.

23 “Gallicado: infeccionado com o humor gálico” (Bluteau, 1712-1728, p. 19).

24 Grafado “aleijoens”.

25 “Quartã: a quartã, ou febre quartã intermitente, é aquela que faz repetições de quatro a quatro dias, gera-se de humor melancólico, quando apodrece na primeira região. A que procede de humor melancólico natural se chama legítima; a que procede de humor melancólico pré-natural se chama espúria. A legítima sura sempre mais que a espúria, porque esta é causada de humores mais delgados. Quartã simples repete de quatro em quatro dias. Quartão dobre é quando repete dois dias contínuos, e no terceiro dia falta [...]” (Bluteau, 1712-1728, p. 20).

26 Nome dado a vários tipos de febre, como a terçã, por exemplo (Gonçalves, 2020, p. 77).

S

Siática [sic]²⁷ [:] uma moça entrevada havia nove meses melhorou com a água das Caldas bebida, p. 29.

(---)

Sangria [:] a maior parte dos enfermos que bebem as águas das Caldas devem ser sangrados e purgados antes, p. 205 até 217.

Sal catártico calcificado, p. 288. Como se conhece o que é bom.

T

Tentação que teve o autor de não revelar as virtudes dos minerais das Caldas e fazer deles um segredo, p. 91, 92 e 93.

Tempo mais conveniente para se beber a água e tomar os banhos das Caldas da Rainha, p. 242 até 245.

V

Vichy [:] as águas minerais de Vichy e as mais celebradas que foram postas no predicamento em que estão às custas da Fazenda Real, p. 166 até 170.

(--- p. l)

CAPÍTULO I

Primeira observação na enfermidade do Autor

No ano de 1732, achando-me aflito de uma gota ciática, para a cura da qual, durante o tempo de três anos, tinha feito todos os remédios internos e externos que se costumam fazer, sem poder impedir o progresso da queixa (--- 2) [:] Estando já coxo [:] sem poder firmar o pé esquerdo para montar a cavalo, e subindo e descendo os degraus com trabalho, reduzindo-me a uma suma magreza, o Cirurgião Jozé Ricor²⁸ me aconselhou que fosse às Caldas da Rainha. Parti de Lisboa a 5 de agosto; o abalo da jornada me agravou a queixa, de sorte, que deitado na cama não podia estar em outra postura mais que sobre o lado direito; não podia tossir nem escarrar sem padecer umas violentíssimas dores em todo o lado esquerdo. Passei neste miserável estado doze dias, durante os quais, (---3) me levaram três vezes ao banho; e como eles excitam uma grande, e universal transpiração, enquanto estava no banho me achava quase livre de dores, porém, meia hora depois de me meterem na cama, eram tão grandes as dores e o calor, que me assaltavam que me obrigavam a mandar molhar uns guardanapos em água fria e aplicá-los nos rins e na perna para moderar o calor. Vendo que os banhos me agravavam em lugar de me curar, apelei para a água do pocinho bebida, e dizendo aos Médicos Francisco

27 Grafamos, hoje, “ciático”, mas a referência para o período é “Sciática: Gota sciática, a que está no osso do quadril, e causa aí a sua dor” (Silva, 1712-1728, p. 673).

28 É possível se tratar de José Ricor, um cirurgião francês denunciado por um capuchinho catalão enquanto estava em missão na América. Acabou preso em Cáli por suas “declarações liberais” (Schwartz, 2009, p. 36).

Xavier Leitão,²⁹ Bento de Lemos³⁰ (---4) e Manoel de Almeida Maya que queria beber à tal água, todos me disseram que o meu temperamento era colérico e bilioso,³¹ que a água era um fogo sulfúreo, e que se três banhos me tinham causado um tão grande calor, a água bebida me queimaria as entranhas e me mataria. Respondi-lhe que daria graças a Deus se a água bebida me matasse, porque me parecia melhor morrer que ver-me entrevado com tantas dores. No dia 19 de agosto, bebi pela manhã, no decurso de uma hora, uma canada³² de água em oito copos de meio quartilho,³³ (---5) cada um: obrou copiosamente pelo suor, e pelas urinas, e me senti muito aliviado do calor, podendo-me virar e assentar na cama. No dia 20, bebi seis quartilhos, purgou-me e me fez suar bastante. Nesse mesmo dia, de tarde, me pude calçar e vestir só, e arrimado ao meu bastão dei alguns passeios pela casa. No dia 21, bebi duas canadas, que me purgou [sic] tanto, como se tivesse tomado uma violenta purga, porém com tal suavidade que me achei livre da ciática e das dores, e com grande vontade de comer. Nesse dia de tarde passei várias vezes (---6) toda a Vila das Caldas, saltando de contentamento, louvando a imensa bondade de Deus, que tem posto naquelas águas umas virtudes tão singulares e tão pouco conhecidas pelos pecados dos enfermos, que vão morrer ao pé do remédio que os havia de curar se houvesse quem o soubesse administrar.

Tendo passado quase repentinamente, e como por milagre de entrevado a são, entendi no foro da minha consciência que devia aconselhar a todos os enfermos, e principalmente aos pobres, que bebessem água do (---7) do pocinho[.] Entrei no hospital aconselhando, e persuadindo a todos que bebessem, o que causou um grande medo, horror e escândalo ao Médico Francisco de Barros, ao Boticário do hospital, mas sobretudo aos enfermeiros, considerando que se eu introduzisse a heresia (que assim lhe chamavam) de se curarem os enfermos bebendo água, que se mandaria buscar de Lisboa, e de outras partes, e ficando os banhos desacreditados, ficariam os enfermeiros e a terra perdida. Este terror mal fundado, e o terem me ouvido gritar tantos dias e noites, (---8) os obrigou a publicar que eu não tinha sarado com a água do pocinho bebida, mas sim por um milagre de Nossa Senhora do Populo. Eu lhe disse, que como Cristão e Católico Romano, não duvidava do poder de Deus, da Virgem Nossa Senhora, e dos Santos; mas que tivessem por certo que o milagre existia na água, que curaria igualmente os maus como os bons, assim como o Sol alumia igualmente os bons e os maus; la todas as manhãs ao pocinho, e durante uma hora e meia, que gastava em beber sete ou oito quartilhos de água, (---9) pregava a todos os que me queriam ouvir as virtudes da milagrosa piscina. Fiz bastantes prosélitos, dos quais uns sararam e outros melhoraram.

Neste tempo chegou às Caldas o Excelentíssimo Senhor Conde de Assumar, que não necessitava de conselhos para beber a água. E entrando uma manhã com o dito Senhor Conde na porta, ou copa do hospital, achamos uma mesa posta com toalha lavada, pratos

com confeitos, e uns copos de vidro. Perguntou o Senhor Conde a um enfermeiro, “que vinha a ser aquele aparato?” – respondeu (---10) que era coisa do enfermeiro Jozé da Mata; o

29 Talvez o próprio cirurgião-mor Francisco Xavier Leitão, médico da Câmara Real desde novembro de 1708, mencionado por Abreu (2014).

30 Não foram encontrados registros.

31 Em referência aos humores, já tratados anteriormente.

32 “Canada: medida de líquidos; contém quatro quartilhos, a duodécima parte de um almude” (Silva, 1789, p. 333). Em uma conversão atual, equivaleria a dois litros.

33 “Quartilho: a quarta parte de uma canada” (Silva, 1789, p. 535). Em nosso sistema de medidas, meio litro.

qual mandou logo chamar. E perguntando-lhe “o que significava aquela mesa?” – respondeu que como eu queria persuadir a todos que bebessem água, e alguns doentes largavam os banhos para a beber, que queria ele tirar a água do pocinho para quem quisesse beber, e ver se lhe davam alguma coisa para ressarcir a perda dos banhos. O Senhor Conde lhe disse que tinha muito juízo em se acomodar com as mudanças dos tempos, que lhe tirasse água para beber e que era muito justo que quem bebesse lhe pagasse.

(---11) A presença do Senhor Conde me servia de amparo contra a malícia dos enfermeiros, mas depois que se retirou Sua Excelência para Lisboa, apareceu uma tarde à porta do hospital um pobre cheio de chagas, e de sarnas, e perguntando a uns enfermeiros onde era o banho, estes lhe mostraram o pocinho, dizendo-lhe que era o banho. O pobre, despindo os seus trapinhos, se meteu nu dentro do pocinho, e esteve nele o tempo que quiz. Os enfermeiros, contentes daquele fato, tiveram a imprudência de me mandar dizer, ajuntando o seu mensageiro, (---12) que queriam ter o gosto de ver se eu beberia, ou mandaria beber, mais água do pocinho, depois de a ter empestada o pobre cheio de sarnas. Mas como eu tinha visto que no pocinho nasciam quatro ou cinco olhos copiosos de água, e desaguava por um cano na sua superfície muito mais de uma telha de água, sendo semelhante a um rio, não podiam nele ficar as fuligens que exalasses dos corpos.

No dia seguinte, pela manhã, fui continuando a beber minha ração, e fortificando meus prosélitos com grande pesar dos enfermeiros. Bebi em tudo (---13) vinte e oito dias, e depois tomei alguns banhos, não por necessidade, mas por curiosidade, e para saber se me causariam a escandescência que me tinham causado os primeiros, mas como a muita água que tinha bebido tinha diluído e expulsado do corpo o salgado, o amargo e o azedo, que quando são demasiado são origem de todas as queixas, os banhos me fizeram um bem singular, fortificando-me se me causar o menor calor.

(---14)

CAPÍTULO II

Segunda observação de uma criada do Autor

Quando parti para as Caldas, deixei em casa de meu sogro uma criada de minha mulher, tida por incurável porque padecia uma febre lenta e contínua, tosse, cursos,³⁴ e uma purgação ou fluxo alvo, fastio e uma magreza. Logo que me vi ressuscitado nas Caldas, mandei um criado a Lisboa com um macho de albarda³⁵ em busca da moça, (---15) e repugnando minha mulher a esta diligência, respondi-lhe que o criado levava dinheiro para mandar enterrar a moça, no caso que morresse na jornada. Porém, que se chegasse viva às Caldas, entendia quase com certeza que sararia de todas as suas queixas. Deu duas quedas no caminho, e vendo-a passar diante do hospital, o médico Bento Lemos disse, em presença de alguns fidalgos, que como eu não era médico, não fazia escrúpulo de matar uns poucos de doentes para experimentar os remédios, e que só um doido podia crer que um feixe (---16) de ossos com tantas queixas complicadas sararia nas Caldas.

34 “Curso: o movimento apressado de fluídos e líquidos” (Silva, 1789, p. 505).

35 Descreve aqui a estrutura de selaria para animais, ressaltando que a moça não faria o trajeto a pé. “Albárdas: estufado de palha que se põe sobre o seladouro das bestas de carga e burros” (Silva, 1789, p. 80).

Alguma razão tinha o Senhor Doutor, porque na verdade a moça parecia um esqueleto. Mandou-se logo meter na cama, e se lhe deu um bom caldo. No dia seguinte, pela manhã, depois de tomar um caldo substancial, mandei a levar ao banho metida em um lençol. Esteve no banho um quarto de hora, que era o que bastava para dar algum calor aos secos nervos e músculos, e pôr em movimento as glândulas da cútis. Para facilitar a transpiração, (---17) voltada do banho para a cama, fiz-lhe beber no decurso de quase uma hora, quatro meios quartilhos de água do pocinho. Suou alguma coisa e urinou muito, comeu uma boa tigela de sopas ao jantar e com vontade; comeu outra à tarde, e uma terceira para cear.

No dia seguinte, bebeu pela manhã oito copos de meio quartilho no tempo de uma hora, obrou pouco pelos cursos e muito pela urina e pelo suor. Almoçou uma tigela de sopas, e juntou outra com vontade. Não quis que comesse outra (---18) coisa mais que sopas, e um pouco de arroz bem cozido para engrossar o caldo. Continuei todos os dias a lhe fazer beber uma canada de água do pocinho. No dia nove suou, urinou e cursou copiosamente, e ficou livre de todas as suas queixas. No dia dez lhe veio a sua regra:³⁶ suspendi a água os cinco dias que lhe durou, e deixei passar mais dois para sossegarem os humores, e lhe permiti que comesse carne. Bebeu mais cinco dias água, e ficou ressuscitada.

No mês de Dezembro do mesmo ano de 1732, achando-se o Excelentíssimo Senhor Conde (---19) de Assumar em uma conversação, onde suponho se falaria em queixas e em remédios, contou o Senhor Conde a cura desta moça, que tinha presenciado nas Caldas; o Médico Bernardo da Silva, que na conversa se achava, disse que a tal moça tinha falecido poucos dias depois de voltar a Lisboa. No dia seguinte, pela manhã cedo, foi Sua Excelência à minha casa, e perguntando-me onde estava a moça Domingas; mostrei-lhe a casa onde ela estava amassando. Entrou Sua Excelência na casa, e gostou muito de a ver tão bem-disposta.

CAPÍTULO III

Terceira observação de um Sargento de Castelo de Vide

CAPÍTULO IV

Quarta observação na enfermidade de um letrado

CAPÍTULO V

Quinta observação na enfermidade de um homem de Abrantes

CAPÍTULO VI

Sexta observação na enfermidade de um clérigo de Torres [Novas]

36 Apesar do uso corrente como "menstruação", nem Bluteau nem Moraes Silva trazem esse significado em seus verbetes.

CAPÍTULO VII

*Sétima observação na enfermidade de Dionísio de Castro*³⁷

CAPÍTULO VIII

Oitava observação na enfermidade de um pobre de Évora

CAPÍTULO IX

Nona observação em um homem da Chamusca

CAPÍTULO X

Décima observação de um enfermo de Santarém

CAPÍTULO XI

Undécima observação de um soldado de Setúbal, e outras coisas

CAPÍTULO XII

Observação dos minerais

Primeira observação dos minerais

Segunda observação dos minerais

Terceira observação dos minerais

CAPÍTULO XIII

Observação dos minerais aplicados exteriormente

Primeira observação

Segunda observação

Terceira observação

CAPÍTULO XIV

*Da notável cura de Antonio Lopes Craveiro*³⁸

37 Como indicado pelo anônimo autor, “capitão engenheiro Dionísio de Castro, natural de Póvoa de Santo Adrião, e hoje tenente coronel da artilharia do Alentejo”.

38 Indicado pelo autor como “o Excelentíssimo Visconde de Ponto de Lima”.

CAPÍTULO XV

Reflexão sobre a água bebida

CAPÍTULO XVI

Cura de um paralítico da língua

CAPÍTULO XVII

Dos banhos de lodo

CAPÍTULO XVIII

Do que é necessário para a boa administração das águas

CAPÍTULO XIX

Quando convém beber água antes dos banhos

CAPÍTULO XX

Razão por que os banhos das Caldas podem algumas vezes melhorar por um ou dois meses algumas pessoas obstruídas

CAPÍTULO XXI

Explicação do modo que se deve observar para beber a água das Caldas da Rainha

CAPÍTULO XXII

Dos enfermeiros e enfermeiras das Caldas

CAPÍTULO XXIII

Do tempo mais conveniente para se beber a água e tomar os banhos das Caldas da Rainha

CAPÍTULO XXIV

Dos minerais

CAPÍTULO XXV

Circunstâncias que faltam nas Caldas da Rainha para a cura de vários enfermos

CAPÍTULO XXVI

Regras que um bom médico havia estabelecer nas Caldas a respeito dos enfermeiros

(---300)

RECEITA DO BÁLSAMO CATÓLICO [sem paginação]

Suas virtudes e o modo de o aplicar

Virtudes que lhe atribui um médico da faculdade de Paris

RECEITA

Do bálsamo de cão, suas virtudes e o modo de o aplicar

Virtude e uso do dito bálsamo

Referências bibliográficas (Notas do documento)

ABREU, L. A Misericórdia do Porto e os seus hospitais como centros de formação de cirurgiões (1639-1826). In: CONGRESSO DE HISTÓRIA DA SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DO PORTO, 3., 2014, Porto. *Atas* [...]. Porto: Casa da Prelada, 2014.

BLUTEAU, R. *Vocabulario portuguez, e latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico*: autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes, e latinos; e offerecido a El Rey de Portugal D. João V. Coimbra, Collegio das Artes da Companhia de Jesus. Lisboa: Oficina de Pascoal da Sylva, 1712-1728. 8 v. 2 suplementos. Disponível em: http://200.144.255.59/catalogo_eletronico/consultaDocumentos.asp?Tipo_Consulta=Acervo&Acervo_Codigo=1&Setor_Codigo=11. Acesso em: 7 jul. 2024.

COUTINHO, M.J.P. Francisco de Cordes (1689-1768). In: SANTO, A.E.; GOMES, C.C.; PINA, I.M. (coord.). *Res Sini-cae*: enciclopédia de autores, 2021. Disponível em: <https://www.ressinicae.lettras.ulisboa.pt/francisco-de-cordes-1689-1768>. Acesso em: 7 jul. 2024.

FRANCISCO, F.C. *O primeiro marquês de Alorna: restaurador do Estado Português da Índia (1744-1750)*. Lisboa: Tribuna da História, 2010.

GONÇALVES, M.F. A arte de enfermeiros (1741): aspetos do léxico relativo a doenças e remédios no século XVIII. *Panace@*, v. 21, n. 52, p. 68-85, 2020.

MANUEL da Maia. *eViterbo*, [s.d.] Disponível em: https://eviterbo.fcsh.unl.pt/wiki/Manuel_da_Maia Acesso em: 29 jan. 2024.

PEREIRA, A. *Commentario latino e portuguez sobre o terramoto e incendio de Lisboa de que soy testemunha ocular*. Lisboa: Oficina de Miguel Rodrigues, 1756.

SCHWARTZ, S. Impérios intolerantes: unidade religiosa e o perigo da tolerância nos impérios ibéricos da Época Moderna. In: VAINFAS, R.; MONTEIRO, R.B. *Império de várias faces: relações de poder no mundo ibérico da Época Moderna*. São Paulo: Alameda, 2009. p. 25-48.

SILVA, A.M. *Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e acrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro*. 1ª ed. Lisboa, Simão Tadeu Ferreira, 1789. Disponível em: http://200.144.255.59/catalogo_eletronico/consultaDocumentos.asp?Tipo_Consulta=Acervo&Acervo_Codigo=2&Setor_Codigo=11. Acesso em: 7 jul. 2024.

Recebido em janeiro de 2024

Aceito em março de 2024